

POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM ESPORTE-CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

DRANDA. PATRÍCIA LUIZA BREMER BOAVENTURA

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Bolsista CAPES

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq)

Resumo | A ginástica rítmica representa uma forma particular de linguagem que permite ao praticante descobrir, explorar e recodificar seus movimentos. Apresentar ideias e pensar as possibilidades de transformação dessa modalidade esportiva em esporte-conteúdo nas aulas de Educação Física na escola é o objetivo deste trabalho. Ensinar a ginástica rítmica na instituição escolar é possível a partir do resgate da história e da tradição do mundo gímnico, dos ensinamentos da técnica corporal deste esporte, da criação e experimentação de novas possibilidades corporais e artísticas, da utilização de espaços e materiais tradicionais e alternativos.

Palavras-chave | ginástica rítmica; educação física; escola.

SOBRE CULTURA CORPORAL E GINÁSTICA RÍTMICA

As experiências corporais, entre elas, jogos, ginásticas, danças, lutas, mímica, malabarismo e muitas outras, foram se moldando com a

-
1. Este texto compõe-se de reflexões sobre o ensino da ginástica rítmica no contexto escolar e retoma questões apresentadas em uma participação na disciplina “DEF 5888, Fundamentos pedagógicos – esporte escolar” em 2013, no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço os professores da disciplina Dr. Alexandre Fernandez Vaz e Dr. Jaison José Bassani pela oportunidade.

cultura e cada uma delas apresenta uma forma particular de linguagem como maneira de se colocar no mundo (ESCOBAR, 1995, p. 93). Essas manifestações corporais devem fazer parte do trabalho pedagógico na Educação Física escolar de forma plural, com o intuito de estudá-las, ressignificá-las e reconstruí-las com os/as alunos/as (DAOLIO, 1996).

Pensando a Educação Física como um campo da cultura do qual seriam apreendidas essas manifestações corporais, como analisam – com propostas distintas - Soares et al (1992), Mauro Betti (1994), Jocimar Daolio (1996) e Elenor Kunz (2004), este trabalho apresenta possibilidades de transformação da ginástica rítmica (GR) em esporte-conteúdo nas aulas de Educação Física (EF) no contexto escolar. Para isso, a questão norteadora para esse debate seria: como um professor ou professora de EF, que tem pouca ou nenhuma experiência com a modalidade, mas conhece esporte em geral, pode proporcionar experiências de aprendizagem desse esporte na escola?

Muito embora a sua presença nas aulas de EF na escola possa ser importante ao possibilitar que os praticantes relacionem-se com seus corpos, explorem e decodifiquem seus movimentos, resgatem as práticas e ampliem seu patrimônio cultural corporal, podemos observar que a GR raramente é desenvolvida como um dos saberes curriculares no contexto escolar. Mesmo inserida no currículo da maioria dos cursos na década de 1980, fazendo parte do currículo de formação profissional em Educação Física, ela ainda é quase sempre reconhecida como um esporte apenas competitivo, predominantemente feminino e com pouca visibilidade midiática².

A ideia central deste texto é mostrar que é possível incluir a ginástica rítmica no ambiente escolar, resgatando e ampliando os conhecimentos dessa prática esportiva, contribuindo, inclusive, para o desenvolvimento de uma consciência crítica, resistência à reprodução do esporte-espetáculo na escola³ e possibilitando a criação de distintas experiências corporais. Para tanto, alguns apontamentos sobre a transformação da GR como conteúdo

-
2. Alguns trabalhos apresentam a realidade da ginástica rítmica nos currículos escolares, em destaque: BARBOSA-RINALDI; SOUZA (2003) e CESÁRIO (2001).
 3. Sobre a presença do esporte na escola consultar o trabalho BASSANI; TORRI; VAZ (2003).

da Educação Física escolar serão discutidos a partir de forte inspiração em minhas experiências profissionais (ex-atleta e ex-treinadora), mas também em reflexões sobre esse esporte no decorrer de minha trajetória acadêmica. Pensar a ginástica rítmica como *campo* de conhecimento teórico e prático no âmbito da Educação Física escolar pode servir também para pensar outras modalidades e conteúdos.

POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM ESPORTE-CONTEÚDO

A ginástica rítmica é uma modalidade *particularmente* feminina⁴, praticada a mãos livres (sem aparelhos) e com pequenos aparelhos portáteis (corda, bola, arco, maçãs e fita), individualmente ou em conjunto (cinco atletas). Sintetiza elementos de várias construções técnicas e estéticas que lhe são historicamente anteriores, como a leveza do balé clássico, o acompanhamento musical e ritmo da dança, os elementos acrobáticos próximos da modalidade solo da ginástica artística, os movimentos de malabares e manipulação de objetos apresentados no circo, buscando, com tudo isso, construir sua singularidade. Eis, pois, uma técnica específica, uma expressão gímnica e artística, com características que lhe são próprias.

Porém, com base nessas características, como é possível proporcionar experiências de aprendizagem da ginástica rítmica na escola? Como ensinar essa modalidade na Educação Física escolar? Na tentativa de responder essas questões dividirei o texto em três tópicos: a) “*introdução à modalidade*”, que se refere a alguns conhecimentos sobre a modalidade, suas características e história; b) “*aprendizagem, técnica e criação*”, sobre a problemática da técnica; c) “*aproximação, experimentação e avaliação*”, em

4. Prioritariamente um esporte feminino em nível de competição, a ginástica rítmica ganhou uma versão masculina desenvolvida no Japão durante os anos de 1970, porém, oficialmente, como esporte olímpico, sob a autoridade da Federação Internacional de Ginástica (FIG), só é permitida a prática para mulheres. Essas informações encontram-se na página virtual Men Rhythmic Gymnastics (<http://www.menrg.com> em 15 de março de 2011).

que serão apresentadas estratégias de experimentação e aprofundamento de conhecimentos específicos e transversais e, por fim, a utilização de materiais tradicionais e alternativos.

Introdução à modalidade

Sendo a escola um espaço no qual as diferentes práticas corporais devem ser ensinadas e aprendidas pelos alunos e alunas, para que a ginástica rítmica seja inserida e tratada como conhecimento nas aulas de EF Escolar, Ieda Rinaldi e Marilene Cesário (2010, p. 299) sugerem que “é necessário que o professor a domine em seus aspectos teóricos e pedagógico-metodológicos”. Segundo as autoras (ibid), o professor “deve possuir conhecimentos de ordem técnico-científica desta manifestação gímnica, além dos fundamentos didático-metodológicos que o auxiliarão na organização, seleção e sistematização deste saber em sua prática pedagógica”. Isso quer dizer que o/a professor/a precisa ter um repertório de conhecimento da modalidade para poder ensiná-la e, a partir dele, criar novas apropriações para as suas aulas.

Isto posto, para ensinar a ginástica, o/a professor/a precisa contextualizar a modalidade em suas diferentes manifestações e conhecer os seus fundamentos básicos. Cabe a ele/a, entender as características da modalidade, as regras, as técnicas, conhecer os pressupostos de *performance* e resgatar um pouco da história da modalidade, a tradição, o significado em seu tempo, para se aproximar dos sentidos que esta prática apresenta.

Com base nisso, apontarei algumas possibilidades de intervenção dos conhecimentos da GR em aulas de EF escolar. Essa sistematização pode orientar os conteúdos dessa modalidade esportiva e também de outras práticas corporais.

Ensinamentos da GR	Sugestões de temas para as aulas
Fundamentos histórico-culturais da GR	Resgate histórico das características da modalidade, dos movimentos gímnicos e da GR como manifestação gímnica esportiva. Compreender como a tradição está presente na forma de um saber acumulado por ela mesma (a ginástica) como <i>instituição</i> .

(Continua)

Ensinos da GR	Sugestões de temas para as aulas
Fundamentos técnicos e as regras da GR	Conhecer as regras e as nomenclaturas específicas desse esporte (termos técnicos). Conhecer o Código de Pontuação ⁵ para compreender como é feita a avaliação de uma coreografia e de uma ginasta ⁶ . Entender, ainda, como uma ginasta recebe sua nota de apresentação em que há uma associação entre as dificuldades corporais e a execução dos movimentos.
Possibilidades da GR em diferentes contextos	<p>Onde é possível realizar a prática desse esporte? Quanto tempo pode durar uma apresentação de GR? Onde a ginasta se apresenta?</p> <p>Essas são algumas perguntas que podem ajudar na compreensão das características gímnicas <i>oficiais</i>. No conhecimento quanto às competições e festivais, no tempo de apresentação (categoria individual: 1,15s a 1,30s; categoria conjunto: 2,15s a 2,30s) e sobre o espaço de apresentação, um tapete medindo 13x13m.</p> <p>Os saberes quanto às possibilidades <i>oficiais</i> são importantes, entretanto, eles podem sugerir outras formas de trabalho quanto ao tempo, ao local de prática, à sua utilização. Assim, o/a professor/a pode apresentar as regras gerais desse esporte com visitas aos ginásios de prática esportiva, por meio de vídeos que mostram como acontece uma competição, mas, também, criar novas possibilidades com os alunos/as a partir desses conhecimentos.</p>

(Continua)

-
- 5 A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a responsável pela organização e elaboração do conjunto de regras que governam o esporte, e que estão representadas no *Código Internacional de Pontuação*, conhecido, segundo o discurso nativo, como a “bíblia da ginástica”, que a cada novo ciclo olímpico, ou seja, de quatro em quatro anos, promove mudanças na forma de avaliação da GR. Esse Código de Pontuação é elaborado pelos Comitês Técnicos, aprovado pelo Comitê Executivo e se ocupa da avaliação dos exercícios, das uniões e combinações, das deduções por falta de execução, determina as medidas disciplinares aos treinadores, ginastas e juizes e detalhes gerais da organização e controle de competição (FIG, 2005).
 - 6 Entender como é realizado o julgamento das dificuldades corporais, combinação de passos de dança, maestria do aparelho e originalidade (elementos corporais diferentes e criativos), elementos dinâmicos, música e movimento, expressão corporal, uso do espaço da quadra de competição, falhas corporais e dos aparelhos, amplitude nos saltos, deslocamentos, técnica incorreta, etc.

Ensinaamentos da GR	Sugestões de temas para as aulas
Experimentação gímnica	Conhecer os aparelhos (corda, bola, arco, maçãs, fita) e manipulá-los com movimentos gímnicos (saltos, rolos, pivot – giros -, equilíbrios, acrobacias, etc). A música também deve ser utilizada para determinar o ritmo dos movimentos, elemento fundamental na composição de uma coreografia de GR. É importante, também, a elaboração de coreografias com os elementos característicos da modalidade e com novas possibilidades corporais, unindo as experiências corporais dos alunos/as com os novos movimentos aprendidos.
Estética corporal na GR	Compreender quais são as exigências corporais de uma ginasta. O que é considerado belo e eficaz? Valoriza-se o baixo peso corporal, o controle alimentar, o embelezamento ⁷ , a superação da dor e as principais valências corporais na preparação de uma ginasta (flexibilidade, coordenação, ritmo, agilidade, força explosiva, resistência e equilíbrio ⁸). Esses elementos ajudam a pensar questões relacionados à saúde (anorexia, bulimia), e à racionalização da dor para obtenção de resultado, característica presente na lógica do treinamento corporal.

(Continua)

-
- 7 Os penteados, as maquiagens, os enfeites e as vestimentas são formas de embelezamento corporal na GR.
 - 8 A flexibilidade é prescrita na execução de quase todas as dificuldades corporais, pois exigem um alto grau de amplitude. A coordenação é caracterizada pela execução correta dos gestos motores com o mínimo de esforço, demonstrando facilidade e leveza ao realizá-los. O ritmo é fundamental na percepção da atleta de GR e está encadeado no tempo das execuções dos movimentos contidos na coreografia. A agilidade refere-se à mudança do corpo de posição ou de direção em menor tempo possível. A força explosiva é caracterizada pela execução de movimentos de força com o máximo de velocidade. A resistência evidencia a capacidade do corpo resistir ao esforço físico por um determinado tempo. O equilíbrio é realizado sobre um apoio (pé ou joelho) como sustentação do corpo e deve ser desenvolvido para a execução dos movimentos de equilíbrio estático (mantido em uma posição), dinâmico (mantido durante a execução de todo o movimento, por exemplo, num *pivot*) e recuperado (recuperação após uma determinada ação para finalização do movimento) (FONTANA, 2010).

Prática esportiva: atletas e treinadoras	As treinadoras são reconhecidas pelos saberes adquiridos durante a experiência atlética, enquanto as atletas são divididas conforme a idade e tempo de prática. Isso sugere uma certa educação e hierarquias dentro do <i>campo</i> esportivo, já que a inserção nele acontece na infância. Por outro lado, mesmo a participação predominantemente feminina nos treinamentos e também nas competições, não quer dizer que apenas meninas devem praticar ou ensinar essa modalidade. É importante mostrar que essas questões de gênero foram culturalmente definidas, e que precisam ser repensadas quanto à prática masculina nesse esporte.
---------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Para aplicar esses conhecimentos, cabe às instituições possibilitar a apropriação desses saberes e as ferramentas necessárias para sua transposição no espaço escolar (BARBORA-RINALDI; CESARIO, 2010). A transposição dos conhecimentos para o contexto escolar não deve ser tratada como mera reprodução dos conhecimentos e dos movimentos esportivos, mas possibilitar novas experiências corporais que permitem aos alunos e alunas uma prática crítica, inclusiva e reflexiva.

Aprendizagem, técnica e criação

Os aspectos teóricos e práticos referentes aos gestos e habilidades característicos dessa manifestação gímnica (saltar, girar, pular, movimentos de equilíbrio, acrobáticos etc.) também devem ser ensinados. Os saberes técnicos da GR são importantes para que se consiga executar os movimentos mais complexos e para que eles sejam realizados com segurança. Mas a técnica deve auxiliar na execução do movimento e não vislumbrada como cobrança de rendimento. Quando já conhecem melhor o próprio corpo e dominam algumas técnicas, as crianças são capazes de realizar movimentos mais complexos como: a “estrela”/roda⁹, a ponte¹⁰, a reversão/arco¹¹, etc.

-
9. Em pé, deve-se apoiar as mãos lateralmente e alternadamente no solo, realizando uma passagem vertical do corpo, em que os membros inferiores fiquem afastados durante o apoio invertido, voltando à posição inicial.
 10. Os membros superiores e inferiores devem realizar uma extensão completa, as palmas das mãos totalmente apoiadas no solo e viradas para a frente, o quadril deve elevar significativamente, alinhando os ombros em uma linha perpendicular ao apoio das mãos no solo.
 11. Em pé, deve-se apoiar as mãos no solo buscando flexionar o tronco em forma de “ponte” em movimento, retomando à posição inicial. Esse movimento pode ser realizado para frente ou para trás, com as pernas próximas ou bem separadas.

Assim, o ensino da técnica não consiste na realização “perfeita”, mas sim em oferecer a oportunidade de experimentação do movimento, ou seja, de transformar os movimentos em conteúdos, como entendem Ieda Rinaldi e Marilene Cesário (2010, p. 305), “para que o futuro professor possa, a partir deles, construir formas de transformá-los em conteúdos curriculares”. Nesse sentido, diferentemente do esporte de rendimento, o importante é que se respeite o tempo da criança e que se utilizem estratégias para que ela possa experimentar e aprofundar o movimento proposto. Trata-se de um desafio entre o/a aluno/a e seu próprio corpo. Isso permite que numa mesma atividade, crianças de diferentes habilidades, idades, gêneros, possam brincar e compartilhar do mesmo movimento, cada uma de acordo com o seu tempo.

É preciso organizar e planejar, mas também escutar sobre temas que possam compor as experiências corporais propiciando a descoberta de novas portas de comunicação, tendo em vista a participação criativa dos/das alunos/as nas aulas (RICHTER; VAZ, 2005). Dessa forma, os gestos podem ser recriados e os alunos/as podem “fazer sempre de novo”, ao seu modo, sem que para tal mergulhem na mera cópia motriz ou na reprodução técnica.

Aproximação, experimentação e avaliação

Considerando a importância de oferecer outras formas de aproximação aos elementos gímnicos, atividades variantes podem ser organizadas com um trabalho complexo: assistir competições, visitar ginásios esportivos em que há prática de ginástica, experimentar outras manifestações corporais que fazem parte da constituição da ginástica rítmica (balé, circo, dança etc.), apresentar temas transversais (violência, relações de gênero, étnicas, saúde, meio ambiente, sexualidade), entre outros.

Assim, inúmeras possibilidades de criação favorecem a prática de atividades rítmicas em diversos espaços e proporcionam infinitas combinações com elementos da dança, teatro, balé etc. coordenadas com o manuseio de implementos próprios e alternativos no contexto escolar.

Roberta Gaio (2007) sugere a utilização de materiais não oficiais para a prática de manipulação da GR, portanto, existem diversos instrumentos que podem ser produzidos e servir para a prática da GR na EF escolar, como o *balangandã*¹², aparelho que pode substituir a fita.

Podem ser realizados movimentos de circundação, rotação, manejo, trocas, lançamentos e a exploração livre. Um leque de valiosas experiências da cultura corporal das crianças pode ser estimulado na construção de aparelhos, na criação de movimentos com o corpo juntamente com a manipulação de um material, seguindo um ritmo e uma música. Amplia-se, assim, o repertório corporal a partir do conhecimento acerca do corpo e do movimento que foram socialmente produzidos historicamente.

De forma que possam comunicar-se e expressar-se, seja demonstrando seus sentimentos, seja apresentando movimentos realizados em aula, nomeando e descrevendo os materiais a partir das relações que com eles foram estabelecidas ou recordando as situações vivenciadas, a troca de experiências e aprendizagens entre as crianças envolve situações de diálogo. Esse diálogo visa retomar, problematizar e avaliar esses momentos vivenciados ao longo da(s) aula(s) e favorecer novas possibilidades de ação, de relação e de comunicação das crianças consigo mesmas e com os outros.

CONSIDERAÇÕES

O esporte passou a ser conteúdo hegemônico da Educação Física escolar, porém, enquanto algumas modalidades esportivas se fortalecem, outras raramente são difundidas, como é o caso da ginástica rítmica. Cabe à Educação Física, como disciplina curricular, transmitir a construção de

-
12. Diversas peças penduradas em um tipo de argola decorada. Os procedimentos de construção desse material, passo a passo, são: 1) dobrar (em forma de tira) uma ou duas folhas de jornal. 2) cortar quatro pedaços de papel crepom (três cm cada). 3) desenrolar os pedaços de papel crepom e juntar as pontas. 4) enrolar o barbante no papel crepom. 5) colar com fita crepe o barbante e o papel crepom no jornal; 6) enrolar jornal; 7) passar fita crepe no jornal enrolado; 8) enfeitar.

nossa corporeidade e garantir a socialização das manifestações corporais, dentre elas a ginástica rítmica. Para isso foi apresentado um leque de possibilidades pedagógicas e a transformação dessa modalidade esportiva em esporte-conteúdo nas aulas de Educação Física.

A apropriação de saberes relacionados à GR, apreciações técnicas e estéticas, associação com outras expressões corporais, o uso da técnica, a construção de materiais, as preocupações contemporâneas (inclusão, violência, relações de gênero, étnicas, saúde, meio ambiente, sexualidade) podem possibilitar a compreensão desse universo gímnico – que compõe a realidade – e proporcionar a criação e experimentação de novas possibilidades corporais, ampliando, assim, a cultura corporal de quem a pratica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA-RINALDI, I. P. B.; SOUZA, E.P.M. de. A Ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos Cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol 24 (3), maio de 2003. Pág. 159-173.

BARBOSA-RINALDI, Ieda; CESÁRIO, Marilene. Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. In: **Possibilidades da ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. Pág. 295-323.

BASSANI, Jaison; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Movimento, 1991.

CESÁRIO, M. A organização do conhecimento da ginástica no currículo de formação inicial do profissional de educação física: realidade e possibilidades – Recife, Pernambuco: [s.n.], 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, 1996.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Regulamento técnico, 2005.

FONTANA, Patricia. **A motivação na ginástica rítmica**: um estudo descritivo correlacional entre dimensões motivacionais e autodeterminação em atletas de 13 a 16 anos. 2010. 189 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica popular: um proposta educacional**. 2ed. – Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2007.

KUNZ, Elenor. Unidade Didática 5 – Práticas Didáticas para um “Conhecimento de Si” de Crianças e Jovens na Educação Física. In: _____. **Didática da Educação Física 2**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004, cap. 1, p. 15-52.

RICHTER, Ana C.; VAZ, Alexandre F. **Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, maio 2005.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**, São Paulo: Cortez, 1992.

Recebido: 06 maio 2014

Aprovado: 14 julho 2014

Endereço para correspondência:

Patrícia Luiza Bremer Boaventura

Rua Thomé Arantes, 000

Quadra 4, Lote 3

Condomínio Alto dos Ypês

Jardim dos Ypês

Três Lagoas – MS

CEP: 79622-034

cissaboaventura@gmail.com